

## UMA CRÍTICA SOCIOLÓGICA ÀS QUESTÕES EDUCACIONAIS DA ATUALIDADE

Pascoal MANFREDI NETO<sup>1</sup>  
Maria Noemi Gonçalves do PRADO<sup>2</sup>

*“Me sinto seguro porque não há razão para  
me envergonhar por desconhecer algo”.*  
Paulo Freire

---

**Resumo:** Neste artigo, através do posicionamento teórico de diversos autores, abordam-se as questões educacionais da atualidade, assim como organiza-se uma síntese do processo educacional, que, em nossos dias, manifesta-se na inclusão, exclusão e negação social.

**Palavras-chave:** Educação; sociologia da educação; sistemas educacionais; coerção social; inclusão; exclusão e negação social.

---

Quando pensamos em Educação, a idéia que temos é de que existe uma escola, e dentro dela, existe uma geração de crianças e adolescentes que precisam aprender as “coisas do mundo” transmitidas e comandadas pela geração dos adultos. Esta maneira de coerção social está ligada ao processo de inclusão, devido à necessidade de transferirmos para os outros, aquilo que com o passar do tempo a sociedade julgou/julga necessário transmitir para as gerações mais jovens. Em se pensando em educação, não podemos também esquecer o papel desempenhado pela família neste processo, e ainda da finalidade desse enquanto prosseguimento ao jogo da “continuidade”.

A família pós-moderna, neste mundo neoliberal, tem um papel fun-

---

<sup>1</sup> Mestre em Sociologia FFLCH/USP. Docente da FAC-FEA. CEP. 16015 – 280 Araçatuba (SP)

<sup>2</sup> Historiadora. Professora da Rede Estadual e Particular de Ensino e Particular na cidade de Birigüi (SP)

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 28-38	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

damental na formação social de seus membros. Além de garantir a perpetuação da espécie, ela, desde cedo, sociabiliza e inculca noções econômicas nas crianças, fortalecendo, através do individualismo, o sentido de neutralidade, e incentivando a mobilidade social. O processo de sociabilização da família pós-moderna passou/passa por transformações profundas, quer pelo desmantelamento da família extensiva -aquela em que todos os seus membros conviviam com os avós, tios, primos e com a memória dos bisavós, onde de uma certa forma os membros adultos da família, eram responsáveis pela educação dos mais jovens- , quer pela sua transformação em famílias nucleares - pai, mãe e filhos- , que, muitas vezes, encontram-se somente à noite, estabelecendo e organizando suas vidas por contatos pessoais.

Em outros momentos históricos, este mesmo núcleo familiar é encontrado preparando os indivíduos para as necessidades prioritárias de seu próprio contexto. Veja-se, como exemplo, o caso da família espartana, essa cedia seus filhos ao Estado, logo aos sete anos de idade, como forma de garantir a continuidade da sociedade guerreira à qual se propuseram, nisso, família nuclear e a espartana se assemelham, ainda que díspares na relação espaço-temporal, são prestadoras de serviços à sociedade em que estão inseridas, ficando ambas com parte da sociabilização e, embora servindo a propósitos diferentes , preparavam/prepara o indivíduo para as necessidades inerentes aos conflitos de sua época.

Em tempos neoliberais e globalizantes, principalmente após a revolução contra-cultural da década de 1960, a discussão do gênero traduzir-se-á em nuances que se referem ao papel feminino na educação dos filhos, uma vez que, estando totalmente voltada para acirrada luta do mercado de trabalho, a mulher é obrigada a dismantelar o que vinha se propondo a fazer durante muitos séculos em prol da sociedade: preservar o núcleo familiar. Vendendo sua força de trabalho, a mulher deixa parte da educação de seus filhos entregue às creches, aos parentes, às babás eletrônicas, porém esses não conseguem preencher o grande vazio originário da ausência dos valores transmitidos pela comunidade familiar.

Esse espaço tem que ser preenchido pela instituição escola? Em que

medida, as creches, as babás eletrônicas e os avós, que por força das circunstâncias cuidam dessas crianças, representam uma proposta efetiva de concretização do processo educativo?

Estudado e discutido em vários artigos, dissertações e teses atuais, o papel da família no processo de sociabilização, aqui será preterido em favor do papel da instituição escola no mesmo processo.

A instituição escola, enquanto aparelho ideológico do Estado, segundo Althusser, está atrelado à estrutura política de poder, determinando os rumos norteadores e as metas para efetivar a integração desse ser, o humano, a todo o sistema de valores inventados pela tradição inerente àquela comunidade.

Esse artigo aborda o aspecto, que se acredita de suma importância para o estudo do contexto educativo na atualidade, qual seja, inclusão, negação e exclusão social do processo educacional, ao que se precede uma análise evidenciando o entorno através de uma perspectiva sociológica, em um panorama histórico norteado pelas tendências dentro da pedagogia.

Logo a educação não deve ser encarada como um sistema único, mais sim como vários sistemas educacionais. Cada sistema possui sua história e, portanto, sua metodologia aplicativa. “Quando se estuda historicamente a maneira pela qual se formaram e se desenvolveram os sistemas de educação, percebe-se que eles dependem da religião, da organização política, do grau de desenvolvimento das ciências, do estado das indústrias, etc”. (TOMAZZI, 1997, p.38)

A partir do ponto de vista da contextualização histórica observam-se certas etapas, que não sendo rígidas em suas formas, auxiliam o entendimento em termos de cronologia, para efeito de estudo, de uma seqüência de fatos e tendências.

Começando pela escola tradicional, que considera o homem dotado de uma essência imutável, a qual a educação apenas molda-se, ensinava-se, exclusivamente, os filhos da aristocracia, ler, escrever e contar. Avançando mais alguns séculos, a escola nova, surgida de um movimento iniciado na Inglaterra no século XIX, baseia-se na concepção existencialista - o conceito de que a existência precede a essência -.

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 28-38	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

Em resumo, a característica da escola nova é definida em oposição à escola tradicional, em um ponto, porém, não existe diferença, ambas se declaram politicamente neutras.

Grosso modo, dispensadas discussões mais profundas, quando a escola nova não consegue corresponder às necessidades oriundas de sua aplicação, surge, então, fruto do positivismo e imagem da razão instrumental, a escola tecnicista. Essencialista e conservadora, a escola tecnicista não integra os seus propósitos, a mudança social. É burocrática e antidemocrática, comprometendo-se com a eficiência e não com o aluno. Como a anterior considera-se politicamente neutra, não despertando o senso crítico.

No entanto, ampliando-se a possibilidade de análise, atinge-se, na abordagem sociológica e em vários pensadores que a geraram, a preocupação com a educação enquanto processo de socialização, inclusão e negação. Emile Durkheim vê na educação uma função integradora, pois, a sociedade através da consciência coletiva faz com que prevaleça, sobre o indivíduo, as noções de regras, valores, costumes e normas, controlando-o a partir de suas instituições, estabelecendo, portanto o que chamou de solidariedade. Segundo Tomazzi (1997, p.30), para Durkheim, o indivíduo é passivo e sempre condicionado pela sociedade, neste sentido, a idéia de conflito não é desenvolvida por ele, uma vez que está mais preocupado com os aspectos da integração e da manutenção da sociedade.

Conforme Anthony Giddens (1978, p.52), para Durkheim, o sistema educacional formal desempenha um papel vital na inculcação das atitudes e capacidades morais que se requerem na sociedade orientada para esses ideais seculares.[...] A educação é a influencia exercida pelas gerações adultas sobre as que ainda não estão prontas para a vida social. [...] Não adianta tentar formular valores educacionais abstratos; sistemas educacionais diferentes são dirigidos para ideais diferentes, segundo o tipo de sociedade em que se encontram.

Logo, relativizando a conjuntura em que Durkheim formulou suas teses, fica claro que o autor tem uma preocupação demasiada com a ordem social, e que a educação assumiria papel importante no processo de controle social.

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 28-38	Jun.2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	----------

Em Karl Mannheim, educação não é apenas um meio de transmissão de valores culturais estancos de uma geração a outra; trata-se de elemento de transformação social. “Oportunidades educacionais mais amplas propiciam um retorno para a comunidade, incomparavelmente maior que o seu custo. O seu valor consiste essencialmente em aprofundar e refinar a transmissão de nossa herança cultural. A ampla participação das pessoas na vida cultural inevitavelmente resulta no encorajamento, na remoção do complexo de inferioridade que é cuidadosamente instilado no assim chamado homem ‘comum’ em sociedades autoritárias e plutocráticas [...] a remoção da frustração através da abertura de novas oportunidades, a possibilidade de se testar a própria habilidade, freqüentemente estimula a imaginação criativa, e oportunidades expandidas suscitam o esforço intelectual e ampliam a inteligência”.(1982, p.26).

Suas idéias, em um primeiro momento, nos remetem ao ‘ideal’ de uma proposta educacional definida para o século XIX, entremontes distanciada da conflituosa realidade contemporânea pós-moderna, onde a disputa pela ocupação do espaço social se rarefaz devido à revolução tecnológica, causadora de uma crise estrutural no campo do trabalho, ao exigir “mão-de-obra” qualificada.

Em outra análise, são encontrados, como representantes do socialismo científico, Karl Marx e Friedrich Engels. Esses observam que a educação deveria ser analisada pelo viés do materialismo histórico, uma vez que os interesses da classe burguesa jamais se coadunariam aos objetivos da classe trabalhadora. Valores culturais, normas e regras seriam transmitidas com a finalidade da perpetuação do status quo da classe dominante, portanto, não viam na educação de sua época um elemento transformador, mas sim um elemento de alienação. “A condição essencial da existência e da supremacia da classe burguesa é a acumulação da riqueza nas mãos dos particulares, a formação e o crescimento do capital; a condição de existência do capital é o trabalho assalariado... A cultura, cuja perda o burguês deplora, é, para a imensa maioria dos homens, apenas um adestramento que os transformam

em máquinas”.(MARX, 1985, p.24-31). A educação burguesa é vista como forma de exclusão social a um sistema que inculca seus valores de submissão e conformismo.

Sobre a influência dos ideais de Marx e Engels, Vladimir Lênin, um dos mais importantes líderes da Revolução Russa de 1917, acreditava que, só após o fim do sistema capitalista através de uma revolução socialista, liderada por uma vanguarda proletária, estabelecer-se-ia a verdadeira base educacional russa.

Lênin dizia, - “só poderemos construir o comunismo com a soma de conhecimentos, organizações e instituições; com a reserva de forças e meios humanos que ficaram da velha sociedade. Só transformando radicalmente o ensino, a organização e a educação da juventude conseguiremos que os esforços da jovem geração tenham como resultado a criação de uma sociedade que não se pareça com a antiga”. (LÊNIN, livro III, 1980, p.299-386).

Apesar da revolução ser o elemento “novo” na construção de uma nova sociedade, esse processo estaria ligado a idéia de negação constante, utilizando-se da velha estrutura para construir uma nova.

Louis Althusser, já citado anteriormente, professor da Escola Normal Superior de Paris, participa da chamada escola estruturalista francesa, e em sua obra Os aparelhos Ideológicos do Estado, demonstra o papel da ideologia capitalista sendo transmitida pelas instituições sociais, dentre elas a escola: “o papel dominante cabe à escola, se bem que sua música seja silenciosa. Ela recebe em sua idade mais vulnerável, as crianças de todas as classes inculcando-lhes saberes práticos envolvidos na ideologia dominante (linguagem, cálculo, ciência, etc) e mesmo a ideologia dominante em estado puro (moral, civismo, filosofia)... grande parte desta ideologia se aprende fora da escola, mas nenhum aparelho ideológico de Estado dispõe - durante tantos anos, cinco a seis dias em cada sete, à razão de 8 horas por dia - dessa audiência obrigatória da totalidade das crianças na formação social capitalista”.(ALTHUSSER, 1992, p.32).

Valendo-se do conhecimento sistematizado pela classe dominante, a escola solidifica na estrutura do sistema, a perpetuação de uma classe dirigente que inclui alguns e exclui muitos.

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 28-38	Jun.2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	----------

Em “Os Cadernos do Cárcere”, Antonio Gramsci, discute a dificuldade da implementação do socialismo na Itália, dedicando grande parte de seu tempo à análise da importância de uma política educacional, no sentido da formação de um novo cidadão: intelectual orgânico do processo revolucionário. Este educador moderno teria como função fundamental garantir a contemporaneidade do educando, através de sua participação crítica, como nos mostra Nosella: “enquanto o Estado estiver sob o controle da classe burguesa, necessariamente a nova educação proposta será, sobretudo um processo de crítica, de polêmica, de negação da negação, podendo, inclusive apresentar expressões românticas, que nem por isso carecem de função histórica. A pedagogia moderna, que visa formar o novo cidadão socialista, será sobretudo um processo prático e participativo, isto é, fundamentar-se-á nas modernas formas de produzir (industrialização) e de fazer política (conselhos de fábricas, sindicatos, partido)”.(NOSELLA, 1983, p.88- 89) O processo de ruptura entre o antigo tecido social e o novo cidadão socialista seria um desafio para o partido proletário italiano, que teria o papel de educador não só dos jovens, e ainda de todos os adultos, independente da classe social de origem.

No Brasil, Florestan Fernandes vê o sistema educacional brasileiro como um dos mais problemáticos, devido à “herança do antigo sistema escravocrata e senhorial, recebemos uma situação dependente, inalterável na economia mundial, instituições políticas fundadas na dominação patrimonialista e concepções de liderança que convertiam a educação sistemática em símbolo social dos privilégios e do poder dos membros das camadas dominantes. Os problemas educacionais resolvidos de forma insatisfatória no passado ou nascidos com a dinâmica da própria situação histórico-social no presente tiveram que ser enfrentados com recursos deficientes e obsoletos, além disso, mal aproveitados”.(FERNANDES, 1976, p.192) E por isso, propõe que a solução para esses problemas seria uma mudança social organizada, pois segundo o autor, as instituições brasileiras “apenas satisfazem, de modo parcial, irregular e insuficiente, às necessidades escolares de setores semiletrados e letrados”.(FERNANDES, 1976, p.195).

Para ser introduzido na pauta do dia, como prioridade, sobre o questionamento do sistema educacional brasileiro, haverá muito a ser ponderado e refletido por aqueles que se interessam em não camuflar a situação educacional do país na atualidade. Bibliografias mais recentes nos dão conta de questões pontuais, como a busca da formação do aluno-cidadão enquanto sujeito coletivo do que assumindo suas competências e habilidades, transpõe as barreiras impostas pela falta de acesso das classes dominadas, às escolas originadas de uma política educacional direcionada às elites.

Em contrapartida, está traduzida e consolidada pela LDB 5692/71, uma orientação tecnicista em essência, propagadora, no período da ditadura militar brasileira (1964-1985), do saber puramente reprodutivista, além de contar com toda uma estrutura hierarquizada transposta para a escola de forma inquestionável. Encontra-se uma série de dúvidas neste momento. Enquanto a lei 5692/71 orienta toda uma geração de estudantes que, “formados” como profissionais de sala de aula, tenta se introduzir no mundo neoliberal, ou quem sabe pós-neoliberal e desafia, a todo o momento através de uma estrutura, em termos, globalizante, a educação, a buscar caminhos para a inclusão dos trabalhadores no mercado de trabalho, cada vez mais afunilado pela necessidade de formação teórica e técnica exigida, e pela questão estrutural e não apenas conjuntural da mudança conceitual do que significa emprego e trabalho.

Chega-se a uma encruzilhada, onde os valores humanos estão subjacentes à estrutura econômica. A lei de diretrizes e bases atual, 9394/96, orienta uma geração a ser formada e qualificada para o trabalho que já não existe mais, e o aluno-cidadão torna-se mais uma peça, neste jogo de estratégias especulativas em que toda a sociedade está envolvida.

Esta situação é muito perigosa, vive-se em um período conturbado, pois, uma geração toda, a maioria em torno dos quarenta anos de idade, ocupando hoje postos chaves no âmbito institucional da educação - não só no processo de transmissão e da assimilação do conhecimento sistematizado, mas também no sentido de dar continuidade à discussão sobre a transformação do homem em Ser Humano - passa, por uma crise existencial, a



partir do momento em que perderam os referenciais, tanto os valores de coerção social, embasados no século XIX: patriarcalismo, obediência aos mais velhos, viver em função da família, etc., assim como, os da negação: a luta pelas liberdades, pela justiça social ou pelos sistemas igualitários.

Essa geração encontra-se dividida, há os que assimilaram o discurso sistêmico atual, do individualismo exacerbado, do “salve-se quem puder”, que dizem, quando questionados, “já fiz minha parte, agora vou cuidar da minha vida”, existem ainda aqueles que se encontram “quebrados” buscando alternativa de vida constituindo minorias radicais que acreditam estar com o discurso correto, mas não encontram respaldo no restante da sociedade, ou uma grande parte desse grupo, que busca referencial holístico e ecológico.

Enquanto essa geração, que viveu para os pais e agora vive para seus filhos, está confusa entre o educar para assimilar ou para negar os valores sedimentados na sua cultura, abre-se um espaço no processo de sociabilidade, ocupado, então, pelos jovens que foram e estão sendo educados por esta mesma geração em crise existencial, que busca soluções ora no passado ou sonham com o futuro, não fazendo o seu papel, que é o de atuação (no sentido político do termo) no presente.

Estamos em um paradoxo: à medida em que a ciência consegue aumentar a longevidade humana, é cobrado do jovem que cada vez mais cedo, tenha uma postura responsável, não para que possa vir a servir aos interesses sociais (inclusão, assimilação ou negação), mas, para atender uma exigência de mercado. Estes jovens estimulados e auxiliados por esta mídia globalizante passam a ser os referenciais da sociedade. Temos os maiores salários do mercado mundial nas mãos dos jovens da informática, dos jovens do esporte (futebol, basquetebol, automobilismo), dos jovens artistas (cantores, atores, apresentadores de televisão) que, transformados em mitos eletrônicos, estabelecem uma interação social não só com os outros jovens, mas também com os seus pais, organizando regras de comportamento mensuradas em valores pessoais (principalmente, afetividade) também estimulando o consumo ostentatório.

Concluindo, consoante o professor Paulo Freire, que esclarece em

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 28-38	Jun. 2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	-----------

seu livro, *Pedagogia da Autonomia* “gostaria uma vez mais de deixar bem exposto o quanto aposto na liberdade, o quanto me parece fundamental que ela se execute assumindo decisões... Se a educação não é a chave das transformações sociais, não poderá ser reduzida à reprodutora da ideologia dominante... prefiro a rebeldia que me confirma como gente e que jamais deixou de provar que o ser humano é maior do que os mecanismos que o minimizam” (FREIRE, 1998, p.77).

Os discursos, embora vários em seu conteúdo traduzem em suas manifestações dialéticas, uma vez que essas se tornam reveladoras dos conflitos reinantes naquele determinado período histórico em que foram geradas, as necessidades humanas da busca da liberdade enquanto essência, no sentido de que não devemos nos envergonhar do que não sabemos, mas antes devemos empreender o processo de ensino na busca da superação, somente dessa forma a educação transporá o sistema e chegará ao seu primordial objetivo, ou seja, a aprendizagem, que se reverterá em benefício próprio e da coletividade, e que isso não precise ser traduzido apenas em dinheiro.

MANFREDI NETO. Pascoal; PRADO, Maria Noemi Gonçalves do. A sociological critic to present education issues. **Avesso do Avesso**: Revista de Educação e Cultura, Araçatuba, v.1, n.1, p28-38, jun.2003.

**Abstract:** In this article, through theoretical positioning of several authors, the present education issues are approached, as well as a synthesis of the education process is organized, which in our days, is manifested in inclusion, exclusion and social denial.

**Keywords:** Education; education sociology, educational systems; social coercion; inclusion; exclusion; social denial.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro, Graal, 1992.

Avesso avesso	Araçatuba	v.1	n.1	p. 28-38	Jun.2003
---------------	-----------	-----	-----	----------	----------

FERNANDES, Florestan. **Ensaio de sociologia geral e aplicada**. São Paulo: Pioneira, 1976.

FORACCHI, Marialice M. et al. **Educação e sociedade**. São Paulo: Nacional, 1987.

\_\_\_\_\_. **Mannheim**. São Paulo: Ática, 1882.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1998.

GIDDENS Anthony. **As idéias de Durkheim**. São Paulo. Cultrix, 1978.

LENIN, Vladimir, **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, 1980. v.3.

MARX, Karl-F. Engels. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

NOSELLA, Paolo e outros. **Educação e cidadania**. São Paulo: Cortez, 1983.

TOMAZI, Nelson D. **Sociologia da educação**. São Paulo: Atual, 1997.